

Edição revista pelo autor.

Meninos Sem Pátria  
© Luiz Puntel, 1987

**Diretoria editorial** Lídiane Vivaldini Olo  
**Gerência editorial** Kandy Saraiva  
**Edição** Camila Saraiva

**Gerência de produção editorial** Ricardo de Gan Braga

**ARTE**

Narjara Lara (coord.), Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico & redesenho do logo** Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

**Capa** montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Jayme Leão

**REVISÃO**

Andreia Pereira e Flávia Zambon

**ICONOGRAFIA**

Sílvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf  
e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** Júlio Sian / Revista Revide (p. 180); Arquivo pessoal (p. 182)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P984m

23. ed.

Puntel, Luiz, 1949-

Meninos sem pátria / Luiz Puntel. - 23. ed. - São Paulo : Ática,  
2016.

184 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-18140-7

1. Romance infantojuvenil brasileiro. I. Título. II. Série.

16-32886

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739850

CAE 594881

2016

23ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

**ea**

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

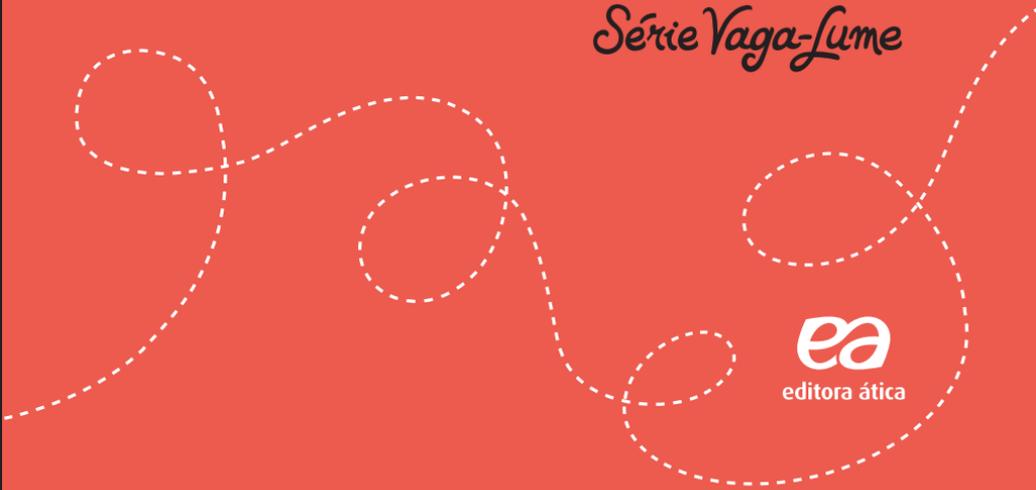




# Meninos Sem Pátria

LUIZ PUNTEL

*Série Vaga-Lume*



**ea**

editora ática



## *Emoção num episódio de nossa história recente*

NAS PRÓXIMAS PÁGINAS VOCÊ VAI ACOMPANHAR A VIDA DE UM GAROTO, filho de um perseguido político brasileiro que foi obrigado a refugiar-se com a família no exterior. Nos anos 1960, os militares tomaram o poder no Brasil, com um golpe de Estado. Implantaram um governo autoritário que acabou com as liberdades democráticas no país.

Nos primeiros momentos, esse governo foi muito duro com seus opositores. Alguns foram mortos, outros presos, e muita gente, para escapar da perseguição, foi obrigada a ir viver longe da pátria. Já pensou?

É essa a história que você vai ler. Ela tem muito de aventura, embora não deixe de ser dramática. A trajetória de Marcão, no Brasil e no exílio, juntamente com a de muitos meninos que ele vai conhecer nos países em que é forçado a morar, não é brincadeira!



*sumário*

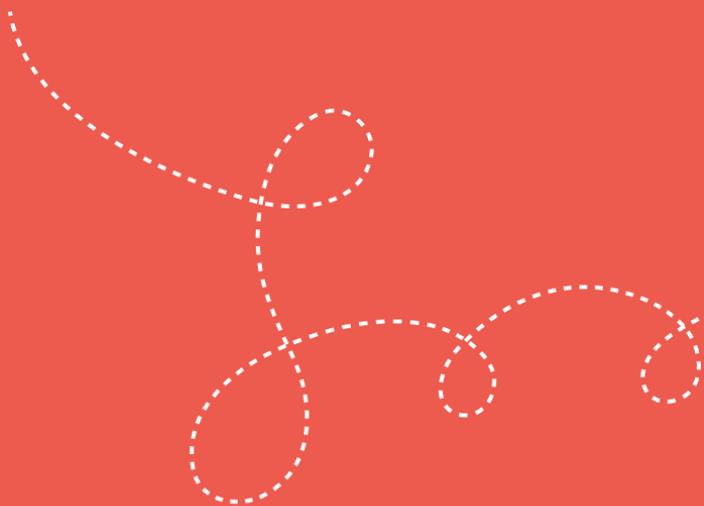
<i>Apresentação</i>	
Com licença, posso entrar?	<b>11</b>
<i>capítulo 1.</i>	
Um binóculo de lentes quebradas	<b>17</b>
<i>capítulo 2.</i>	
O sino do dia do Ricardo	<b>23</b>
<i>capítulo 3.</i>	
Vai gás aí, dona?	<b>28</b>
<i>capítulo 4.</i>	
Cristo também era jornalista?	<b>35</b>
<i>capítulo 5.</i>	
Esse negócio besta chamado exílio	<b>41</b>
<i>capítulo 6.</i>	
Si vas para Chile...	<b>47</b>
<i>capítulo 7.</i>	
Mãe, eu vou morrer. Me balearam, mãe!	<b>51</b>
<i>capítulo 8.</i>	
O Cristo Redentor dá adeusinhos cúmplices	<b>59</b>
<i>capítulo 9.</i>	
<i>Allons enfants de la patrie...</i>	<b>63</b>
<i>capítulo 10.</i>	
Pierre, um gozador	<b>70</b>
<i>capítulo 11.</i>	
“Pra frente Brasil”, salve o	<b>78</b>
“Ouviram do Ipiranga”	

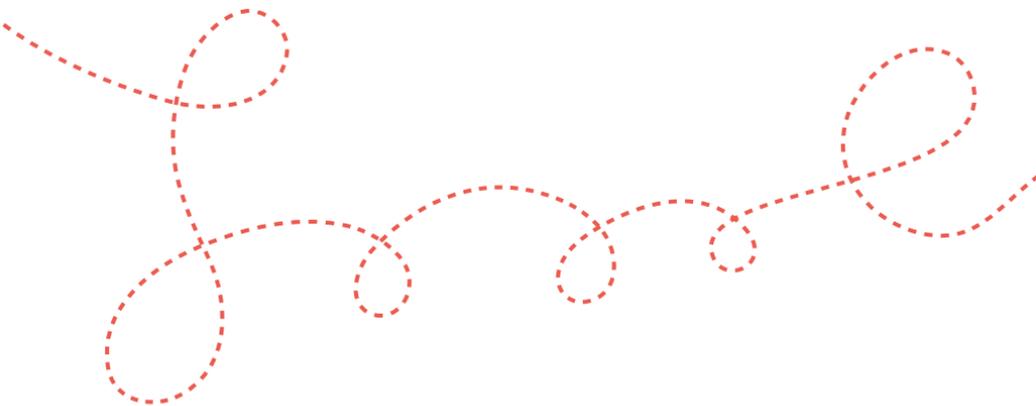


	<i>capítulo 12.</i>	
Milton Nascimento, um ilustre desconhecido		<b>82</b>
	<i>capítulo 13.</i>	
De repente, um som que me traz saudades		<b>87</b>
	<i>capítulo 14.</i>	
O tiro que saiu pela culatra		<b>95</b>
	<i>capítulo 15.</i>	
Uma verdadeira torre de Babel		<b>112</b>
	<i>capítulo 16.</i>	
Um brasileiro intruso		<b>118</b>
	<i>capítulo 17.</i>	
Um convite indecoroso		<b>131</b>
	<i>capítulo 18.</i>	
Encontros presidenciais		<b>137</b>
	<i>capítulo 19.</i>	
Uma aula sobre o Brasil		<b>141</b>
	<i>capítulo 20.</i>	
Uma bandeira pintada por um francês e um hino nacional desconhecido		<b>145</b>
	<i>capítulo 21.</i>	
O boato da semana		<b>150</b>
	<i>capítulo 22.</i>	
Um 7 de setembro em maio		<b>154</b>
	<i>capítulo 23.</i>	
Uma notícia de tirar o fôlego		<b>161</b>



<i>capítulo 24.</i>	
Um momento muito difícil	<b>166</b>
<i>capítulo 25.</i>	
Reunião de subversivos?	<b>168</b>
<i>capítulo 26.</i>	
Você foi é homem, foi macho toda vida	<b>173</b>
<i>capítulo 27.</i>	
<i>Adieu, brésilien!</i>	<b>176</b>
<i>Saiba mais sobre Luiz Puntel</i>	<b>180</b>







## Com licença, posso entrar?

A IDEIA DESTE LIVRO NASCEU QUANDO EU lecionava Português no Otoniel Mota, em Ribeirão Preto, uma escola de segundo grau\*, um dos mais antigos estabelecimentos escolares do Estado de São Paulo.

De repente, no meio de orações coordenadas e subordinadas, lá no fundão da classe, visualizei o rosto de um garoto bonito: magro, nariz fino, rosto imberbe, cabelos claros, revoltos e olhos extremamente tristes. Na caderneta, apenas um número e o nome, coisa que não diz muito; aliás, diz muito pouco.

Na hora do recreio, procurei conversar com ele, “levar um lero”, como eles dizem. O sotaque era de garoto português, o que me intrigou. Mas José Pedro não era português, e sim angolano: fugira com os pais da revolução de Agostinho Neto. E estava ali, no meio dos outros, decorando — para ele — a imbecilidade das orações coordenadas e subordinadas, com o pensamento a mi-

.....

\* Atual Ensino Médio. (N.E.)

lhares de quilômetros, pensando no horror da fuga, deixando para trás sua namorada, seu país, sua cultura e tendo de se conformar em viver no Brasil, um país estranho, falando palavras que não faziam parte do seu código linguístico, comendo uma comida que não era a sua, olhando para mulheres de maneira diferente, sem o seu jeito africano de entendê-las.

Na mesma época, os noticiários televisivos anunciavam a chegada dos exilados brasileiros e de seus familiares, via anistia.

Nem bem os meninos desceram dos aviões lotados, encaminharam-se para as escolas. Ao entrarem nas classes, perguntaram em francês, em dinamarquês, em sueco, em inglês, em castelhano, se era aqui mesmo que haviam nascido, que haviam passado a infância, perguntando se era aqui mesmo o Brasil.

Ressabiados, pediam desculpas por chegarem atrasados à escola. E o atraso não foi causado pelo tráfego intenso nem por um dia chuvoso, mas sim por um tempo de arbitrariedades, em que, para alguém ser preso, bastava um telefonema anônimo ou um dedo apontando na direção de um nome.

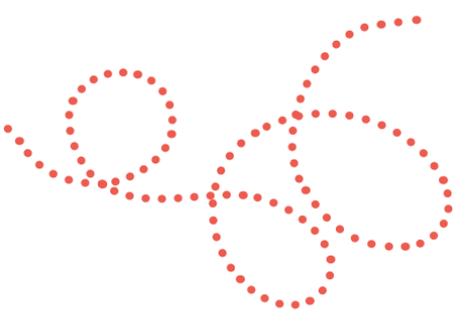
Sei que chegaram ressabiados, com o mesmo olhar medroso do José Pedro. E a cada um que pedia “com licença, professor, posso entrar?”, sei que a vontade era parar a aula e os receber com uma salva de palmas. Afinal, eles não tinham culpa de estarem atrasados, não é mesmo?

Quando foram publicados *Deus me livre!* e *Açúcar amargo*, por esta mesma editora, estive em muitas escolas, conversando com os alunos, falando sobre essa necessidade fisiológica

que é o escrever. Deparei com as mesmas carinhas de espanto e medo. E agora não eram apenas brasileiros, mas nicaragüenses, argentinos, bolivianos, angolanos, portugueses, uruguaios, chilenos, vietnamitas, todos fugindo de golpes de esquerda e de direita, indistintamente.

E é para esses garotos, para esses meninos sem pátria que o livro é oferecido. Para garotos como José Pedro Mendonça Malho, angolano; Guillermo, nicaraguense; Angelito, uruguaio; Juan, argentino; os filhos do Rabelo, do Lucena; enfim, para todos os brasileiros exilados, banidos e deportados, não só pela revolução de 1964, mas por todas as revoluções brasileiras. E para um boliviano que acabei não sabendo o nome, porque ficou mudo de medo.

*Luiz Puntel*





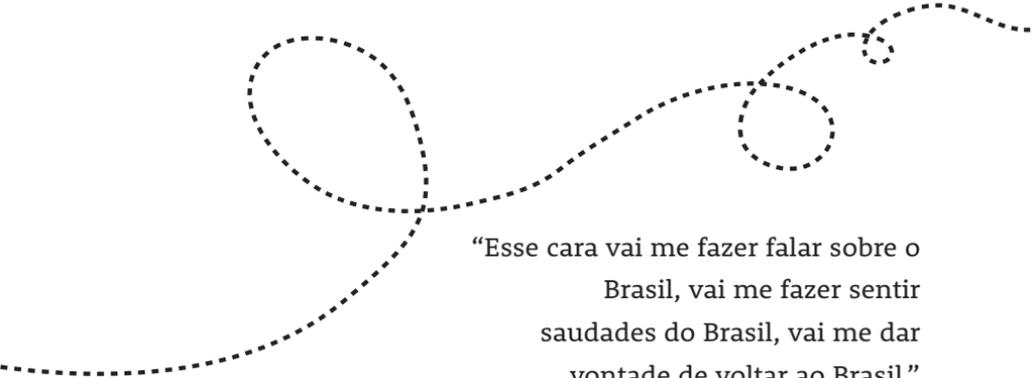
“A almazinha de meu filho  
vai se compondo e decompondo  
com pedacinhos de pátrias misturadas.  
De noite a gente recolhe os pensamentos  
com um cansaço internacional.

— Pai!

— Que é que tu qué, meu filho?  
Ele achega-se a mim com um abraço carinhoso.

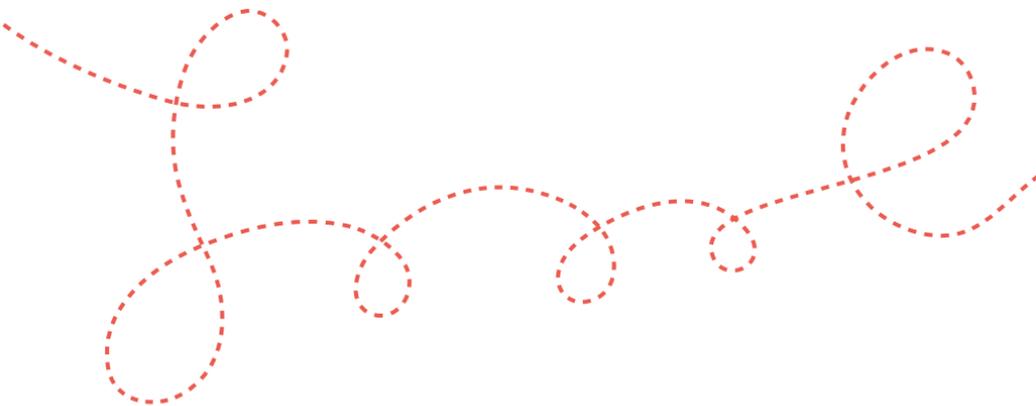
— Pai! Me conta mais uma vez  
como é que era mesmo o Brasil?”

*Raul Bopp*



“Esse cara vai me fazer falar sobre o  
Brasil, vai me fazer sentir  
saudades do Brasil, vai me dar  
vontade de voltar ao Brasil.”

*Fernando Gabeira*





## 1. Um binóculo de lentes quebradas

— TERERÊ, ARROMBARAM O JORNAL! — disse papai, entrando no apartamento, voz sumida, desabando em seguida seu corpo na poltrona da sala, ao mesmo tempo em que afundava os dedos nos cabelos anelados e pretos, entrelaçando-os na nuca.

Naquela época ele estava com uns trinta anos. Era sempre assim quando alguma coisa o preocupava: mergulhava os dedos nos cabelos, segurando a cabeça.

Eu e o Ricardo — lembro-me como se fosse hoje, embora isso tenha acontecido há tantos anos — jogávamos uma partida decisiva de futebol de botão na mesa grande da sala. Mamãe, grávida, tricotava o enxovalzinho de criança.

— Mas arrombaram como? — mamãe, surpresa, perguntava mais para ter tempo de entender o que papai dizia em letras garrafais.

— Arrombaram arrombando. Arrebentando a porta, entrando arrombando, oras!

Percebendo que ele estava muito nervoso, cutuquei Ricardo, que estava alheio, concentrado no jogo.

— Prepare que lá vai bomba, Marcão! — Ricardo, eufórico, não percebia o que se passava à sua volta.

Lá em casa, até hoje, todo mundo me chama assim, de Marcão, por causa do meu jeitão desengonçado de quem cresceu demais.

— Mas, e aí? — mamãe, também nervosa, não sabia como conduzir a conversa. — Chamaram a polícia?...

— Polícia? — papai gargalhou nervosamente.

— Sim. Se roubam, é preciso chamar a polícia, não? — Meio desconcertada, ela achou onde descarregar seu desapontamento: em cima de nós. — Rico, pare com essa gritaria!

A bronca até que tinha motivo. Ricardo estava infernal. Enquanto jogava, tinha a mania de irradiar a partida:

“Bola com Jair Bala. Passa por um, passa por dois, olha lá, torcida brasileira! É i-na-cre-di-tá-vel... Mas como é que esse cracão de bola não foi convocado para a Copa do México, seu Zagalo?”

— Como chamar a polícia, Tererê — papai sempre a chamava assim, embora o nome de mamãe fosse Terezinha —, se eles são os primeiros suspeitos? Quebraram tudo lá dentro, mas não roubaram nada...

Será que foi por causa do artigo que você publicou sobre a tortura do padre? — mamãe perguntou, já sabendo a resposta.

— Claro que sim, Tererê. Eles já estão deixando de ameaçar, partindo para a ação...